

# NO JOGO DA LÍNGUA, A INTENÇÃO FALHA E O DIZER SE CONSTITUI NA/ PELA FALTA

Maria Cleci Venturini<sup>1</sup>  
Marilda Aparecida Lachovschi<sup>2</sup>

Os sentidos sempre podem ser outros nos diz Orlandi (2004) e a língua sempre falha e nem se cogita falar em intenção ou verdade, mesmo quando tratamos de textos fincados no acontecimento histórico. O dizer por redes de memórias, por discursos que circularam antes em outros lugares e tempos e também pela falta, considerando-se o sujeito e as posições assumidas ou negadas, mas que são constitutivas dos efeitos de sentido. A segunda edição de 2023 apresenta e faz circular 20 artigos, conjugando uma parceria na produção do conhecimento, a partir do ponto de vista de diferentes pesquisadores e instituições, co-roando nossa proposta de pesquisa e produção em rede.

Abrimos esta edição com o texto Corpalavra nos registros lacanianos, o que se escreve com Joyce, de Vivian Bastos e Lucília Maria Abrahão e Sousa, (USP/Ribeirão Preto/SP). As pesquisadoras apresentam uma reflexão sobre os modos como Freud ensina que a memória não se faz presente totalmente, mas que se estratifica, faz rearranjos, se desdobra em vários tempos, e é registrada em diferentes espécies de indicações. As autoras apontam para a plasticidade da e a partir da leitura laciana, analisam a obra de Joyce, refletindo sobre como se dá o (des)arranjo na obra em questão.

Ivania Campigotto Aquino e Gilmar de Azevedo, (UPF - Passo Fundo/RS), em Debret, Machado e Tenório: imagens como narrativas de vivências negro-brasileiras, refletem sobre o racismo estrutural presente em obras do passado (Debret e Machado) e do presente (Tenório) na mesma intencionalidade de denunciar, em suas obras (litografia, conto e romance, respectivamente), imagens como narrativas da escravização e suas consequências no Brasil. Teórica e analiticamente, discorrem sobre o compromisso artístico-político-social destes autores em suas obras, considerando-o(a)s na perspectiva e na importância que têm para uma leitura crítica na contribuição para a formação/reflexão histórica e cultural da comunidade brasileira, nas relações étnico-raciais na contemporaneidade.

Em Forças Armadas, salvem o Brasil, Carlos René Ayres (UNISC/ Santa Cruz do Sul/ RS), examina a complexa interação entre linguagem, ideologia e poder, mobilizando os pressupostos teórico-analíticos da Análise do Discurso. Para tanto, o autor destaca o papel das

1 Editora da revista Interfaces e docente do curso de Letras e dos Programas de pós-graduação em Letras da UNICENTRO e da UFPR. E-mail: [marialeciventurini@gmail.com](mailto:marialeciventurini@gmail.com)

2 Bolsista da Capes pelo Programa de Desenvolvimento da pós-Graduação (PDPG/CAPES) – Programa Estratégico, sob a supervisão de Maria Cleci Venturini. E-mail: [lachovskimarilda@gmail.com](mailto:lachovskimarilda@gmail.com)

formações discursivas (FDs) na produção de efeitos de sentido, especialmente no contexto das expressões Forças Armadas, salvem o Brasil! e Intervenção Militar, considerando seu enraizamento em um amplo contexto discursivo. Logo, a partir de Althusser, Foucault e Pêcheux, o texto aborda como a ideologia interpela sujeitos e molda discursos em torno de determinadas formações discursivas identitárias de posicionamentos políticos. Os atos antidemocráticos, nesta perspectiva, dão visibilidade ao movimento complexo de formações ideológicas e discursivas e os compreendem não como simples manifestações isoladas, mas sim como sendo influenciados por grupos de pressão que direcionam percepções e conferem coesão a partir do interdiscurso. A abordagem, nas palavras do autor, busca explorar os sentidos diversos produzidos, o que auxilia numa compreensão mais profunda das relações entre linguagem, ideologia, poder e práticas sociais.

Marcele Aires Franceschin ((PLE/UEM) e Tarik Adão da Costa de Almeida (IEL/UNICAMP), em *Formas épicas na dramaturgia de Ondjaki: teatro épico e comunitarismo cultural*, fazem uma leitura da peça *Os vivos, o morto e o peixe-frito* (2014), do escritor angolano Ondjaki, a partir da crítica materialista e de leituras de(s)coloniais. Para tanto, refletem como o autor em questão retrata questões contemporâneas dos imigrantes africanos em solo português, que enfrentam desde a burocracia e a invisibilidade ao olhar de afeto coletivo entre as distintas nações e etnias que convivem no espaço do colonizador. Para os autores, a ação se dá em diferentes planos, indo da morosidade de uma fila no edifício “Imigração-Com-Fronteira” ao jogo de futebol entre Portugal e Angola. A escrita está embasada em Abdala Jr. (2003; 2016), Costa (1989), Hildebrando (2000), Moura (2016; 2018), entre outros, e tem como objetivo, demonstrar

como a dramaturgia de Ondjaki revela a situação dos imigrantes dos PALOP, proporcionando reflexões acerca da situação histórica do colonialismo português em África.

Edineth Sousa França e Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta, (UNEMAT) colocam em análise, no artigo intitulado *O indígena e a cidade: espaços de significação, o jurídico, pelo e no funcionamento do espaço urbano*. No que tange ao sujeito indígena Tapirapé (Apyãwa) perguntam como a forma-sujeito jurídico incide sentidos sobre o sujeito indígena. Assim, observam em suas considerações a posição jurídica do Estado Nacional e das políticas urbanas e administrativas, sentidos que entrecruzam o sujeito, o espaço, especificamente, a comunidade indígena dos Apyãwa, os que vivem na aldeia Tapi'itãwa, no território indígena (TI) Urubu Branco no município de Confresa, no interior do Estado de Mato Grosso.

Em *Processos identificatórios em narrativas migratórias: o efeito unheimlich no discurso de imigrantes venezuelanos em Santa Catarina*, Angela Derlise Stübe e Leandro Machado Ribeiro Nunes (UFF/RJ) recortam as narrativas de imigrantes venezuelanos no Oeste catarinense e analisam a relação entre o processo migratório e a aprendizagem da língua portuguesa. Para isso, filiam-se ao aporte teórico da Análise de Discurso franco-brasileira e o da Psicanálise (Orlandi, 2020; Coracini, 2003; Roudinesco e Plon, 1998). Nas análises, refletem sobre a regularidade da resistência, no campo simbólico, apontando para representações sobre língua(s) e sobre si que mostram relações de obrigatoriedade, e consideram que essas representações sinalizam para o efeito Unheimlich enquanto constituinte dos processos identificatórios dos imigrantes venezuelanos.

Níncia Cecillia Teixeira (UNICENTRO), em *O gesto rasgado: a árvore como metáfora da morte*, reflete sobre o luto em diálogo

com a criação literária. Segundo a autora, na obra, Quando as árvores morrem, de Tatiana Lazzarotto, ocorre uma transmutação metafórica a partir do luto, por meio das experiências vividas que são transformadas em memórias sob forma poética, levando, dessa forma ao renascimento do sujeito, pois este passa a dar novos sentidos à experiência da perda, uma vez que ao ter contato com a dor, se tece a obra criativa. Concluindo, aponta para o fato de que o luto é representado por meio da arte, a análise recai sobre a utilização da expressão ÁRVORE para fazer referência tanto à vida quanto à morte.

Em Isso é calypso: Joelma e o microfone de transmissão de significações e emoções da metáfora, Bruno de Jesus Espírito Santo (UNICAMP) e Wellington Furtado Ramos (UFMS/UEMS) recortam a cultura paraense, a partir da cantora Joelma, o que segundo os autores, aponta para um rompimento para com o pensamento preconceituoso e discriminatório, sinalizando que ritmos advindos das massas populares como o Axé, o Carimbó e o Arrocha não merecem prestígio social tal como a Bossa Nova ou o MPB. É neste contexto, que de acordo com os autores, a cantora brasileira Joelma lança em Belém do Pará em 1999: o Calypso, e é a partir desse ritmo que analisam em duas músicas: Eclipse Total (Álbum 10, 2007) e Cupim de Coração (EP Minhas Origens, 2019), pensando se essas foram textualmente estruturadas e processadas pelas metáforas. Para o movimento analítico, compreendem a linguagem figurada como um instrumento sociocognitivo de empreendimento de sentido no discurso em uso (VEREZA, 2007).

Luciano Heidrich Bisol, (UFRGS), no artigo Revolução musical em As troianas de Eurípides, coloca em análise como ao longo do século V a.C., o espaço reservado a canções no teatro clássico ateniense passou por transformações. Objetivam refletir sobre os aspectos literários das canções desenvolvi-

dos nas duas últimas décadas daquele século a partir da peça As Troianas (c. 415 a.C.) do poeta grego Eurípides (c. 484 - 406 a.C.). Para tanto, apresenta uma introdução ao drama em seu estado de arte, e em seguida, questiona o papel da música no teatro grego antigo. No movimento analítico, examina a monodia cantada por Hécuba no início da obra e considera, finalizando sua escrita, os aspectos estéticos e sociais da “nova música”, movimento revolucionário que teve em Eurípides um dos principais expoentes.

No texto intitulado O teatro do oprimido e a contação de histórias, Rosemary Lapa de Oliveira (UEBA) discutem as relações entre a arte da contação de histórias e o teatro, ao mesmo tempo, a delimitação desses campos diferentes do saber humano. Buscam pontuar a ação pedagógica inscrita nessas duas ações que se revelam em aulas de contação de histórias para estudantes do curso de Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia, no campus I – Salvador, traçando a relação sempre estreita entre a arte da contação de histórias e a docência. Nessas aulas, segundo a autora, os exercícios teatrais de Augusto Boal estão sempre presentes e cumprem a função de indicar caminhos de mediação que levem à formação para a docência, entendendo que esta formação encaminha para a democracia, que passa pela reflexão sobre ser no mundo e sobre o papel transformador que cada um carrega em si.

Emanuelli Nós e Loremi Loregian-Penkal (UNICENTRO) colocam em análise a relação entre língua e imigração em Talian: língua de imigração falada no Brasil. Para as autoras, a grande diversidade cultural presente no Brasil está relacionada, principalmente, aos grandes movimentos migratórios: muitas pessoas de diversos locais do mundo se instalaram em território brasileiro em busca de melhores condições de vida. Para a análise, as autoras dão ênfase ao grande número de italianos que se estabeleceram em terras

brasileiras entre o final do século XIX e início do século XX, considerando, principalmente, os aspectos da língua de imigração falada no Brasil na região de ocupação italiana: o Talian. Abordam, portanto, aspectos relevantes do cenário linguístico brasileiro durante a história e destacam o Talian com a finalidade de valorizar ainda mais as atitudes linguísticas dos detentores desta língua.

Beatriz Yoshida Protazio, (UEM), e Mileni Vanalli Roéfero (USP), analisam a peça *A Comédia do Trabalho* (2000), da Companhia do Latão, destacando como o grupo e essa obra em particular revolucionam o teatro brasileiro a partir das práxis do teatro épico dialético. As autoras consideram três momentos de modernização do teatro brasileiro (1930, 1960 e 1990) e destacam o salto dialético realizado pelo grupo paulistano, a partir da perspectiva materialista dialética. Como resultado do percurso procuram demonstrar que a Companhia do Latão se coloca na contemporaneidade como legado vivo da tradição do teatro épico dialético no Brasil e, ao mesmo tempo, como agente de radicalização e de renovação desse teatro.

Com o texto *Representações do discurso ecológico do/sobre o Brasil em manchetes norte-americanas: análise crítica sobre as políticas ambientais no governo Dilma Roussef*, de autoria de Aleffe Silva Araújo e de Adelino Pereira dos Santos (UFBA) colocam em análise manchetes de notícias em jornais e revistas de repercussão internacional, na imprensa dos Estados Unidos, sobre questões ambientais do Brasil no período compreendido entre 2010 e 2016, na gestão da então presidente Dilma Rousseff. Tomam como base teórica os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso Crítica. Como parte dos resultados, os autores apontam para os elementos lexicais, organização sintática e figuras de linguagem que se constituem representações do discurso ecológico e que repercutem as ações dos

atores sociais envolvidos, em suas práticas político-discursivas. Consideram, a partir da reflexão, que durante o governo Dilma, o Brasil continuou nas manchetes internacionais, mesmo que as notícias não fossem mais tão favoráveis à boa imagem do Brasil como potência ecológica e ambiental.

Isaque da Silva Morais (UFPB), em *O reconhecimento de si, por meio da fantasia*, em *Sou eu!* (2009), de João Gilberto Noll, destaca os modos como a literatura juvenil traz, como uma de suas marcas, personagens adolescentes que estão em processo de reconhecimento de si, perante o meio social. Segundo o autor, a reflexão sobre esses personagens permite perceber o quão subjetivo é esse processo e como a psicanálise oportuniza o olhar sobre a adolescência, entendendo-a como sendo marcada por forte incidência de fantasias. Assim, Morais propõe em sua escrita, estabelecer uma interlocução entre a literatura e os pressupostos psicanalíticos, a partir do conto *sou eu!* (2009), de João Gilberto Noll. Os apóstrofes teóricos freudianos sustentam as discussões e advém de Ferreira (2018), além de Nasio (2007), Coutinho (2009) e Calligaris (2000).

Em *Análise Dialógica de Discurso: a leitura de um arqueogenealogista*, Pedro Anácio Camarano (UNICENTRO), parte do pressuposto de que a Análise do Discurso (AD) é um campo da Linguística que não se limita ao estudo das estruturas de língua. Além disso, aponta para o fato de que existem diferentes vertentes de análises discursivas, variando conforme noções teóricas e metodológicas. Em sua escrita, considera que Análise Dialógica de Discurso (ADD) ancora-se nos postulados do Círculo de Bakhtin, e a Arqueogenealogia e a AD se constitui a partir das premissas de Michel Foucault. Neste sentido, busca demonstrar as aproximações e os distanciamentos entre essas duas vertentes, a partir de quatro questões norteadoras, sendo elas: o que é AD? Qual é a his-

tória da AD? Como a AD chegou ao Brasil? Como a ADD foi recebida por um arqueogeoneologista? Para tanto, adverte que o texto apresentado, é atravessado, inevitavelmente, pela AD concebida por Michel Pêcheux, estabelecendo mais uma relação teórica.

Carlota Joaquina no Canal da História: teatralidade e performatividade, sob autoria de Tatiane Prochner e de Edson Santos Silva (UNICENTRO), apresentam uma reflexão sobre o Canal da história: uma série educativa do Canal Futura que de forma didática e bastante descontraída, segundo os autores, busca elucidar aspectos da história do Brasil a partir do olhar contemporâneo. Recortam para análise o episódio que foi ao ar em 14 de novembro de 2017 acerca da história da personagem Carlota Joaquina, incorporada pela atriz Livia La Gatto. Analisam, portanto, aspectos da teatralidade e da performatividade, por meio de estudos desenvolvidos por Kowzan (1978), acerca dos signos teatrais, e aspectos da personagem, sob a ótica de Prado (1968).

No teatro tudo é mentira: os ecos de Pirandello no teatro de García Lorca, Hiago Araujo Naldi (UNESP/Araraquara), parte do princípio de que Luigi Pirandello (1867-1936) é um dos nomes mais relevantes para a história do teatro, sendo responsável por empreender um dos projetos literários mais importantes para o começo do século XX, para estruturar sua escrita. Para o autor, o dramaturgo em questão, vale-se dos recursos inovadores da linguagem metateatral para tratar de temas que não condiziam mais com a forma tradicional do drama renascentista. Com isso, possibilita que a tradição principiada em *Seis Personagens à Procura dum Autor* (1921) fosse revista por diversos autores no decurso do século, entre eles figura Federico García Lorca (1898-1936). Para tanto, filia-se aos apontamentos de Peter Szondi em *Teoria do drama moderno* (2001), o qual considera um texto elementar para os

estudos sobre essa fase do teatro.

Aline Venturini (UFRGS) com o texto *Uma proposta de sequência expansiva de leitura entre as obras O cortiço e Úrsula* busca analisar os romances *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis e *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, a partir dos pressupostos de Cosson (2009). Para a autora, as etapas da abordagem selecionadas por Cosson (2009) são: temática, contextualização histórica e teórica sobre duas obras. O objetivo é desenvolver um projeto em torno das consequências históricas e sociais (o racismo estrutural) entre os momentos históricos da escravidão e da abolição, respectivamente representados pelos romances. Além de Cosson (2009), sua escrita ancora-se nas reflexões em torno do ensino de leitura e literatura de Bordini e Aguiar (1988) e *Cândido* (2004), com o objetivo de apresentar uma abordagem do racismo estrutural e histórico no Brasil através da Literatura em duas perspectivas diferentes desse tema, através do confronto de lugar de fala dos respectivos autores.

Entre os rofos do cetim e o discurso literário: alinhavando o léxico aos tecidos em obras alencarianas, de Ana Vitória Gomes Moreira e Vanessa Regina Duarte Xavier (UFCAT), aborda o léxico dos tecidos em obras de José de Alencar. Em suas análises, as autoras selecionam os romances urbanos do autor, que constituem os “perfis de mulher” (RIBEIRO, 1996), a saber: *Lucíola* (1862), *Diva* (1864) e *Senhora* (1875). A partir da leitura dos romances, realizam o inventário das unidades lexicais referentes aos tecidos, por meio do programa *Voyant Tools* (SINCLAIR; ROCKWELL, 2022), versão: 2.5.4, e suas ferramentas. Já teoricamente, ancoram suas análises em Biderman (1981; 1998, 2001a, 2001b), Cardoso (2018), de Martins (2011), Henriques (2018), Chataignier (2006) e Pezolo (2017).

Graciele de Fátima Amaral e Marilda Lachovski (UNICENTRO) discorrem em *A ma-*

ternidade em “Tudo é rio”, de Carla Madeira: uma literatura empenhada sobre a construção das personagens-mães presentes no livro Tudo é rio, da escritora mineira Carla Madeira. A narrativa em questão, segundo as autoras, apresenta uma contraposição em relação à literatura produzida pela cultura hegemônica, rompendo paradigmas no que diz respeito à maternidade e ao feminino. Para isso, consideram que as características são entendidas como Literatura empenhada, de Antonio Candido (2000), contribuindo para a transformação da realidade e para a mobilização do leitor para a reflexão crítica. Pensam, ainda, sobre o funcionamento da maternidade sob a perspectiva da recusa, utilizando Judith Butler (2021) e Simone de Beauvoir (2019), considerando que a maternidade em muitas obras ainda é abordada de forma romantizada, e que na e pela literatura, pode ser entendida como uma necessidade urgente do presente.

Estes são os artigos que compõem este número da Revista Interfaces e, como podem ver pela leitura, abordam distintas temáticas em torno da língua, da literatura e do ensino. Desejamos uma boa e contributiva leitura.